

TÉCNICA MODERNA E ANIMAIS: UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE A UTILIZAÇÃO DOS ANIMAIS NÃO-HUMANOS

IVO DELMONDES FREITAS DE SANTANA¹

RESUMO:

O presente artigo introduz a problemática da técnica moderna e alguns de seus desdobramentos à reflexão sobre a questão dos animais. Apontamos algumas de suas características e possibilidades, levando em consideração a configuração apresentada pelo dispositivo e suas implicações aos animais não-humanos. Ressaltamos ainda a importância de considerarmos este contexto para novas formulações morais e a relevância de estudos multidisciplinares acerca desta temática.

1. A técnica moderna e seus desdobramentos

Em sua recente história, a ética animal² tem se ocupado em provar porque os animais que não são humanos merecem estar incluídos em nossa esfera de consideração moral. A questão é mostrar que estes são alguém e não apenas algo. Para tanto, os autores que trabalham com esta temática concentraram seus esforços em mostrar como os animais não-humanos também podem ser sujeitos, pessoas ou pelo menos não-propriedade. Ainda assim, um olhar a partir de outra perspectiva para essa questão é ainda possível e pode vir a se somar às interpretações críticas acerca deste tema. Este ângulo diferenciado não irá necessariamente tentar mostrar porque os animais têm interesses ou direitos; admitimos previamente aqui que estes têm valor inerente e merecem consideração moral. Entretanto, faz-se necessária uma reflexão que busque entender a questão dos animais não só de uma forma específica, mas de uma maneira que a perceba inserida na complexa teia da realidade social. Assim, a partir deste trabalho não queremos substituir os resultados obtidos até então. Na realidade, propomos somar a estes, esforços interpretativos que estejam comprometidos em entender as novas dinâmicas sociais. Aliamos assim à questão animal, uma reflexão sobre as bases do agir humano na modernidade, sobretudo no que diz respeito à técnica.

A técnica é de certa forma um pacto entre homem e mundo, a forma que o homem encontrou para se estabelecer e sobreviver neste. Este uso de técnica, também já percebido em outros animais, tomou um rumo diferente com a espécie humana. O homem, segundo Galimberti³, era na verdade um animal fraco de instintos e sem um habitat ideal, que precisou superar suas fraquezas corporais de modo especial a fim de se manter vivo, complementando e fortalecendo seu corpo e poder de alcance. Portanto, o homem não seria um animal superdesenvolvido, e sim um animal fraco de instintos, praticamente deficiente entre os outros. Assim, o uso da técnica a partir do homem tem um sentido diferenciado, pois diferentemente de outros animais, esta não vem de forma instintiva e “determinada”. A técnica humana se desenvolveu a partir de necessidades e experiências específicas. O homem, considerado por alguns até mesmo uma espécie que nasce prematuramente, não conseguiria se impor apenas com seu aparato corporal. Assim, esta espécie com fracas defesas naturais se desenvolveu ao mesmo passo que conseguia dominar melhor a técnica. E dessa forma o homem parece mesmo estar destinado a ela.

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe.

² “... a expressão “Ética animal” (do inglês Animal Ethics), [...] deve ser interpretada pelos leitores como a forma elíptica de “ética do tratamento dos animais (não-humanos) por parte dos humanos”. A Ética Animal, como um subcampo da bioética ou da Ética Ambiental, constitui-se assim num ramo da ética aplicada.” (Naconecy: 2006, 18)

³ GALIMBERTI, U. *Psiche e Techne: o homem na idade de técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.

A razão humana que sempre foi um critério que nos colocou em um patamar diferente dos outros animais, parece nos dar o aval de criaturas escolhidas para ficar perto de Deus. Entretanto, esta razão não fundamenta tal superioridade e sim tal fraqueza. A diferenciação pelo espírito/alma perde aqui sua importância dando lugar a essa superação de incapacidades. A técnica vem como uma estratégia de sobrevivência, não tão bem articulada e “programada” como os instintos, mas como algo ainda a ser modelado. Sendo assim, mesmo o homem não tendo um habitat ideal, se adapta a praticamente todos, ou ainda, adapta o próprio ambiente a si mesmo. Para essa espécie estranha a que chamamos de *homo sapiens*, a artificialidade se tornou natural.

Assim, a técnica é a essência da relação do homem com o mundo. Entretanto, esta não representa necessariamente um perigo. É a partir da técnica que desocultamos o mundo. Este tal desocultamento se dá, para Heidegger, porque o homem não é de fato um criador, na verdade ele des-oculta, des-vela, des-cobre, traz à luz o que o Ser lhe permite desocultar e apenas isso, deixando ainda sempre algo oculto, já que o Ser nunca seria desvelado por inteiro. Independente de precisarmos aqui entrar na ontologia heideggeriana, podemos fazer uso deste conceito para entender o desenvolvimento da técnica. Existem várias formas possíveis de desocultamento que variam de acordo com características de cada época. Sendo assim, o desocultamento ao qual estamos familiarizados é caracterizado como técnica moderna. Este tipo de desocultamento tem peculiaridades até então nunca experimentadas pelo mundo. A técnica moderna radicalizou este desvelar do mundo, traçando uma relação única de finalidade. No tempo deste desocultamento, torna-se o mundo apenas depósito onde o homem técnico moderno extrai e transforma todas as coisas para que tudo se torne funcional.

Este desocultamento está cada vez mais especializado, mais acelerado e em maior escala, se infiltrando não apenas em todas as esferas de nossas vidas cotidianas, como também em nossa percepção do mundo. Com o advento da técnica moderna e seu impulso expansivo e incessante, hoje encaramos dilemas éticos nunca vistos antes. O alcance do agir humano através desta mesma técnica se potencializou e se fortaleceu, rompendo as dimensões de tempo e espaço a que estávamos acostumados. A possibilidade de se ter novas possibilidades instigou a mente curiosa e contingente do homem e o mesmo não hesitou em desbravar o universo desconhecido do desocultamento, se encantando a cada nova descoberta e abrindo outra gama de possibilidades a cada nova descoberta, positivas e negativas. Sendo assim o preço do desocultamento sem freios começou a ser cobrado com intensidade cada vez maior e com conseqüências não apenas para aqueles que desafiaram o oculto, mas para todos a sua volta e além dela.

Na *modernidade técnica* (Brüseke, 2001), o homem já não consegue enxergar nada a não ser a partir de uma perspectiva racional. Calcula a cada segundo, desconsidera qualquer virtude que não seja instrumental. A essa essência racionalizante chamaremos de dispositivo técnico⁴. Regida por esta essência da técnica moderna, a mão humana transforma tudo que toca em algo material, funcional, homogêneo, plástico, etc. Dessa forma, como máquinas que não são boas ou ruins, mas que apenas funcionam, nós também assumimos essa identidade exclusivamente técnica e seguimos funcionando. O desenvolvimento da civilização está intimamente ligado à sujeição do mundo natural. A ciência e a técnica andam lado a lado, por vezes se confundindo uma na outra. Ambas representam o domínio do homem sobre a natureza. A técnica moderna necessita da racionalização assim como esta necessita da técnica moderna. Sem dúvida este ambiente de racionalização crescente, de cálculo constante – identificado por vários pensadores nos últimos séculos - é o que dá o teor do tempo em que

⁴ O termo *dispositivo técnico* é uma tentativa feita por Brüseke de traduzir para a língua portuguesa, sem perder sua significância inicial, o termo *Gestell* utilizado por Heidegger.

vivemos. Hoje não somos capazes de dar um passo sem que este tenha que nos parecer racionalmente coerente. É nosso código de conduta, a maneira como nos sentimos seguros e corretos. A nossa fé na ciência, no que é provado cientificamente é um grande exemplo do nosso “pensar” racional. Para nós, a legitimidade das coisas depende de um aval tecnocientífico concedido por especialistas, mesmo que este seja volátil. O que é correto hoje, amanhã pode estar completamente equivocado se racionalmente, e só assim, chegarmos a essa conclusão. Assim, qualquer resquício de intuição é temido, descartado ou devidamente testado.

Dessa forma, constatando o domínio do homem sobre o mundo natural, frequentemente nos referimos a natureza como algo diferente de nós, como se não fizessemos parte da mesma. Pois, considerar que estamos longe dos outros animais nos põe também num lugar especial. Neste lugar permanecemos praticamente intocáveis, e de lá de cima com o cajado divino-científico-mercadológico ordenamos a *materialização* de tudo que possa existir perante nossa percepção. Se eu o tratar como coisa, então coisa é o que serás; assim posso me perceber como sujeito e estabelecer uma relação dominante com o mundo. Entender a Terra como depósito é uma das conseqüências (e ao mesmo tempo uma motivação) para enxergar o mundo apenas tecnicamente, isso significa tê-la a disposição, significa também poder desocultar e manipular a mesma da maneira que eu bem entender. Essa percepção também engloba os animais.

Uma vez que temos uma relação essencialmente técnica com o mundo e conseqüentemente com os outros animais, considerá-los como matéria se torna apenas parte de um processo. Entender o animal como apenas matéria é desprovê-lo de qualquer consideração moral relevante. Entretanto, vale lembrar que este processo não ocorre apenas com os animais, mas com praticamente tudo que é alcançável pela mão humana. Ainda assim, os eticistas que se preocupam com a questão dos animais fazem aí distinções, como por exemplo, a *senciência*⁵. Extrair minério de ferro para se construir uma ponte, utilizar frutas para se fazer refrigerantes ou extrair gordura animal para se fazer sabonete são todos processos técnicos de desocultamento. Porém, nem o metal, nem a fruta são *indivíduos ontológicos*, não são seres sencientes, o animal sim. Está aí traçada uma polêmica linha de consideração moral, que mesmo de extrema relevância, não é o foco deste artigo.

Ainda assim, a utilização de outros animais pelo homem não é novidade, nem se deu apenas na era da técnica moderna, porém, este uso nunca foi tão banal. Não é difícil achar referências de outras sociedades que pediam permissão aos deuses para tirar a vida de um animal ou faziam deste dito “sacrifício” um ritual de grande importância. Essas ações não necessariamente refletem atitudes mais ou menos éticas, mas no mínimo significam uma outra relação de consideração com os outros animais. Mas com a técnica moderna, essa utilização foi radicalizada e tornou extremamente racional. Parece que quanto mais técnica, mais longe estamos. E quanto mais longe estamos, mais difícil é de nos reconhecermos no outro. O outro obviamente aqui é o animal não-humano, mas que sucumbindo a eficácia do dispositivo técnico se torna apenas algo estocável, utilizável. Fazer do outro *algo* é fundamental para que eu possa utilizá-lo.

Outra característica do dispositivo técnico também é bastante emblemática: a *homogeneização*. Homogeneizar torna-se na modernidade técnica praticamente um imperativo e ser desigual neste lugar vira um erro que deve ser rapidamente remediado. “A homogeneização ignora as propriedades das coisas, nivela as suas diferenças e relaciona-se no

⁵ “No livro, *When did I begin?*, de Norman M. Ford, escrito em 1991, encontramos uma definição valiosa para solucionar o impasse gerado pela proposta de Goodpaster. Ford distingue os seres vivos, em seres sencientes, o mesmo critério adotado por Peter Singer, Warnock e Frankena, aos quais concede um estatuto de “indivíduos ontológicos”, e demais seres vivos, cujo processo vital não produz nenhuma atividade mental, não tendo tal processo vital qualquer fim em si mesmo. Esse modo de estar vivo como parte de um todo vivo mais abrangente, sem autonomia vital, não concede à coisa viva o estatuto ontológico de um indivíduo.” (Felipe: 2006, 126)

ato do desocultamento técnico com as mesmas tratando-as como massa amorfa.” (Brüseke: 2001, 7) Os animais que já nascem em meio aos anseios do império humano-industrial sofrem antes mesmo de chegar ao mundo um processo de homogeneização. Na grande maioria dos casos tais animais já foram geneticamente selecionados para atender a um padrão técnico requerido pelo mercado e conseqüentemente pelos “produtores”. O padrão técnico de qualidade tem que ser mantido, por isso os que não alcançarem este patamar serão descartados sem cerimônia. É o caso, por exemplo, dos galináceos nascidos nas granjas industriais. Amontoados em caixas os mesmos são submetidos a uma seleção “rigorosa” de qualidade, onde os melhores são escolhidos e os defeituosos descartados. Estes defeituosos agora junto com as cascas de ovo, fazem automaticamente parte do lixo a ser triturado e a ser transformado em ração para sua própria espécie. Esse mesmo processo se repete várias vezes por dia, numa versão animal do infanticídio para selecionar os melhores, sendo que desta vez não para a vida, mas para a morte em qualquer dos caminhos tomados. Seria ingênuo acreditar que os escolhidos terão melhor fim. Ao fim de seu crescimento manipulado e super-acelerado que dura agora praticamente quarenta e cinco dias, entram num *ballet* de máquinas que definirá seu destino.

No fim do processo e cada vez mais iguais, serão ordenados de acordo com o desejo de seus “fabricantes”. Nesta etapa o animal homogeneizado pode ainda ser dividido para melhor ser vendido. Num supermercado de qualquer cidade vamos coletando em nosso carro de compras pedaços iguais e embalados de seus corpos. Vinte corações de galinha num pacote, cinco coxas de frango noutra. Um cubo rosado com um carimbo em relevo de seu fabricante que em nada lembra o porco que um dia foi. Ou ainda, num pacote de hambúrgueres perfeitamente modelados, os restos misturados de vários animais. Asas, peito, vísceras, tudo toma seu devido lugar no espetáculo industrial apresentado pelo homem-técnica. Homogeneamente espartilhados os animais são vendidos e consumidos num processo que invoca uma tal naturalidade que está extremamente longe de existir. A naturalidade da relação de dominação entre animais é constantemente invocada neste aspecto, mas é um tanto quanto falaciosa. Mesmo que admitíssemos como fundamento que o que é natural é sempre melhor, não há nada natural em submeter bilhões de animais ao espetáculo técnico moderno. Nem mesmo nos casos extremos consumiríamos proteína animal no mínimo três vezes ao dia, sem contar com os derivados adicionais. Nem mesmo na pior das crises “naturais” o planeta consumiria 10 bilhões de animais anualmente para se alimentar. A idéia de que o processo técnico é apenas uma extensão racional dos hábitos naturais é equivocada. O desocultamento técnico moderno descobriu sua própria lógica e esta com certeza está longe de ser natural.

Através do dispositivo técnico nos afastamos do que aquilo *é* na verdade. A ação de homogeneizar também pretende evitar que possamos enxergar os animais como indivíduos diferenciados. Na era da modernidade técnica o que é diferente se torna a todo custo igual se assim servir melhor ao ordenamento técnico. Os diferentes e “defeituosos” serão descartados, o valor aqui não é inerente e sim externo. No pensamento homogeneizante com que lidamos a todo tempo não vemos qualidades a não ser que elas nos tenham alguma função, a questão aqui é de calcular e organizar a disposição.

No processo do desocultamento técnico nada mais simplesmente *é*. Agora tudo *é para alguma coisa*. A função escolhida é determinada externamente pelo dispositivo técnico. Readaptamos a função de tudo que podemos alcançar, organizando a produção de acordo com a necessidade que criamos. O dispositivo técnico não tem compaixão assim como não tem maldade, ele apenas segue funcionando e *funcionalizando* de acordo com sua essência técnica e ambivalente. Para o mesmo, os animais são apenas fonte de matéria-prima, coisa a ser modificada, algo a ser desocultado e melhor aproveitado; não há consideração moral ou juízo de valor.

Numerado, planejado, reto, dividido, organizado e nada mais, é assim que vemos o animal no tempo da modernidade técnica. Profanamos o que *é* para que este *seja o que queremos*. Assim o esperma de baleias e golfinhos se torna Ácido Cetílico em cremes dermatológicos. Pele, tendões, ligamentos e ossos de vacas e porcos viram Gelatina em nossos remédios. Ligamentos do pescoço e das paredes arteriais das vacas se tornam Elastina em nossas roupas. Desocultamos porque não sabemos e nem podemos criar. O que *é*, já *está aí*, independente de nós, por isso manipulamos e funcionalizamos tudo a fim de satisfazer nosso desejo secreto de ser Deus e criar.

A especialização da *manipulação* humana chegou num ponto nunca visto antes. A manipulação serve com grande utilidade à técnica moderna, abrindo possibilidades que talvez nunca iríamos conhecer num plano evolutivo natural. Com a manipulação nos tornamos adoradores da contingência e a cada mínima possibilidade aberta mais mil se abrem. É como se percorrêssemos um caminho cheio de bifurcações e cada uma delas levasse a outras. Curiosos e admirados com cada novo horizonte que enxergamos, continuamos trilhando o caminho contingente que a nós se apresenta sem certeza de onde isso vai dar. Assim, de certa forma modificamos tudo que podemos, porque sabemos que podemos. O homem toma em suas habilidosas mãos o que acredita ser o poder de criar e recriar para assim melhor adaptar o mundo a si mesmo. Isso pode acontecer de forma muito rudimentar ou até mesmo de forma muito especializada. Podemos observar o quanto nos afastamos tecnicamente dos outros animais e como não nos reconhecemos nos mesmos. Temos aqui um *double-standard* definido tecnicamente a partir da espécie, pois o que para nós são aspectos negativos tornam-se úteis e indiferentes quando se tratam de outra espécie, do além-humano. No caso da produção de vitela, por exemplo, a anemia dos vitelos é entendida como um processo estético e o atrofiamento dos membros dos mesmos como um aprimoramento do produto final. Nossos resquícios intuitivos estão cada vez mais fracos e ficamos incapazes de enxergar o mundo a não ser a partir de uma racionalidade exigida pelo dispositivo técnico.

No campo das pesquisas científicas a viviseção⁶ é ainda hoje constante. Faz parte do processo técnico-científico incorporado pelo homem: abrir, brincar, manipular, substituir, testar, etc. É assim que ele tem aprendido, é assim que ele desoculta novas possibilidades e aprimora as mais antigas. A partir do pensamento de Descartes, os animais seriam como autômatos orgânicos que responderiam a seus impulsos bestiais, máquinas em funcionamento, sem discernimentos, sem vontades (além das necessárias), sem alma. A alma era exclusiva apenas aos humanos, que também tinham como corpos essas tais máquinas, mas não eram apenas isso. Tinham em seu favor esta tal essência que criteriosamente os afastava das bestas. Descartes não negava que os animais pudessem de fato sentir, mas atribuía isso apenas a estímulos corporais que garantiam seu funcionamento, toda prova de ação provinda dos animais representava algo meramente instintivo como vontade de comer, medo ou defesa, por exemplo. Este pensamento deu fundamento para muitos cientistas de sua época que não viam problema em executar viviseção em outros animais. Para se fazer pesquisas sobre curas de doenças humanas, os pesquisadores simulam os sintomas das doenças nos animais de forma logicamente artificial para depois tentar curá-las, independente desses testes serem feitos em outros animais com organismos diferentes. Como se fossem máquinas simulamos nossos problemas físicos (e por que não mentais?) nos animais para que assim possamos tentar entendê-los. Estamos diante aí de uma contradição do quase divino homem. Aparentemente estamos muito distante dos outros animais e por isso temos a perspicácia de poder manipulá-los, em contra partida, recorreremos aos seus corpos quando queremos desvendar nossos problemas, admitimos aí, mesmo que de forma bizarra que em algum nível nos vemos como semelhantes.

⁶ A *viviseção* é a prática científica de cortar ou usar técnicas invasivas em animais vivos.

“O dispositivo técnico ignora os tempos próprios e *acelera* qualquer processo de mudança.” (Brüseke: 2004, 179) O tempo da vida, da procriação, do amadurecimento, das experiências, foi roubado. Em seu lugar foi colocado um tempo sempre urgente e arrogante. O tempo em si não está disponível para o homem, este apenas faz medições de intervalos entre algo e assim tem a pretensão de controlar o tempo. Mas, não podemos dizer o mesmo dos processos biológicos. O homem não descobriu o segredo da vida, mas desocultou vários de seus caminhos. O milagre da reprodução se tornou algo rápido, automático e previsível. A experiência se tornou inútil e o crescimento uma variável entre hormônios e melhoramento genético⁷. O tempo médio de vida de uma galinha é de sete anos, mas na indústria alimentícia é de 40 a 45 dias. A expectativa de vida de um porco é de 10 anos, mas na suinocultura industrial seu destino é limitado a 140 dias. Neste curto período de vida, estes animais e tantos outros passam exclusivamente por experiências técnicas. O período de amamentação é *acelerado*, interrompendo o processo natural. As porcas reprodutoras têm seu *funcionamento* artificialmente *acelerado* para que logo depois do desmame fiquem disponíveis pra *produzir/reproduzir* mais. É o tempo da técnica no tempo da vida. Agora! Rápido! É o tempo *sem tempo*, porque não há tempo a perder.

Se “pensamos” tecnicamente, também criamos soluções técnicas para problemas aparentemente técnicos. É o caso do *abate humanitário*. Pensar no que isso significa é um tanto quanto complicado, até mesmo porque isso parece uma contradição em termos, mas, é a solução técnica proposta para o sofrimento animal na indústria alimentícia. Trata-se na verdade de alguns métodos específicos assegurados legalmente por cada país, que teoricamente evitariam sofrimento desnecessário e insensibilizariam o animal, momentos antes do mesmo ser encaminhado ao procedimento de abate. Entre estes métodos de insensibilização temos: sufocamento com CO₂, choque elétrico e pistola de impacto aplicada no cérebro. Não precisamos nem nos esforçar para entender o que isso significa: soluções técnicas para problemas éticos. Essa escolha, por mais que de algum modo possa trazer algum tipo de benefício, nunca é suficiente. Mesmo jaulas maiores ou anestésias super eficazes não resolveriam a questão, pois o problema não é exatamente a dor ou a privação de prazer, o problema é antes de tudo ético. Dessa forma, o bem-estarismo⁸ aparece como esta resposta técnica insuficiente. Entretanto, se em oposição a ele estabelecemos uma dicotomia maniqueísta, dando lugar ao abolicionismo⁹ no outro extremo, tendemos a enfraquecer nossa percepção crítica, pois as dicotomias sempre simplificam a complexa dinâmica da realidade. Apostar no abolicionismo como caminho é sem dúvida um grande avanço teórico e prático para o movimento de libertação animal. Porém, se para fazer caber nesta dicotomia (bem-estarismo x abolicionismo) nós dermos interpretações simplistas e rótulos limitantes as teorias que nos auxiliam, acabamos nos fundamentando num gelo fino que em instantes cederá. O abolicionismo é sim um grande passo, mas não o último.

Assim, desaprendemos a pensar e estamos apenas funcionando e funcionalizando. Para elaborarmos uma percepção crítica acerca da relação entre humanos e outros animais, precisamos entender também porque essa relação chegou a esse patamar de dominação através da técnica. E, portanto, somar a qualquer proposta ética que tente solucionar a problemática dos animais, uma ética coerente com a era da técnica moderna.

⁷ O *melhoramento genético* é uma ciência utilizada em plantas e animais para a obtenção de indivíduos ou populações com características desejáveis, a partir do conhecimento do controle genético destas características e de sua variabilidade.

⁸ O *bem-estarismo* é entendido como uma tendência entre os “defensores dos animais”. De uma forma geral, trata-se de se atuar nesta área promovendo regulamentações no uso dos animais não-humanos de forma a minimizar o sofrimento destes. O *bem-estarismo* não necessariamente propõe a abolição do uso de animais a longo prazo.

⁹ O *abolicionismo*, dentro do movimento de libertação animal, surge com a proposta de que as atuações em defesa dos animais não-humanos não mais se foquem em regulamentações do uso destes e sim no fim da exploração animal em todos os âmbitos.

Porém, criticar a técnica não significa necessariamente negá-la. Mais uma vez, o impulso argumentativo de querer negar este “reino artificial” em prol do que achamos que é natural é enganoso. O esquema mental do homem nu interagindo perfeitamente com toda a natureza é tão distante quanto o paraíso divino (o qual o homem perdeu por sua curiosidade de explorar as possibilidades). Nossa própria natureza nos impele a sermos técnicos; ironicamente nossa artificialidade faz parte do que nos é natural. Ainda assim, para uma percepção mais coerente, devemos ao máximo tentar nos afastar dos extremos; nem um naturalismo ingênuo, nem uma artificialidade salvacionista. Caracterizar a técnica moderna não significa apenas apontar riscos ou prognósticos negativos, esta técnica é antes de tudo essencialmente ambivalente e confunde até mesmo quem a quer criticar. Talvez a melhor palavra que represente a mesma seja *possibilidade*. A possibilidade de algo ser assim ou de outra forma, a possibilidade de utilizar e tornar vital algo que a um segundo nos era desconhecido. Não é o que somos, é o que *podemos* ser. O desocultamento é tão rápido e as possibilidades se apresentam tão numerosas que fica difícil não depositar na técnica tal fé salvacionista. Buscamos externamente esperanças para nossas frustrações, saciabilidade para nossos desejos, e muitas vezes as encontramos nas possibilidades desveladas pela técnica. Pois hoje praticamente tudo é possível, e se algo assim não for, faremos tecnicamente com que seja, ou assim pensamos. Esse papel de transformar o impossível no possível, o improvável no provável já foi um dia reservado aos deuses. Mas, no reino da razão, do diferenciado, somos nós quem tomamos rédea do destino, ou mais uma vez assim pensamos.

A tentativa de se tratar dos animais na esfera da ética é obviamente uma tentativa de romper com o antropocentrismo. Mas, este rompimento toma um sentido mais amplo se o analisarmos a partir da perspectiva crítica da técnica. Aqui, quebrar com essa concepção não significa apenas dizer que o homem não é o centro do mundo e que os outros seres têm valor próprio. Pois, dada a configuração atual, a constatação do domínio e do poderio técnico da humanidade é óbvia. Portanto, este rompimento com o antropocentrismo, dentre vários outros fatores, implica a necessidade de uma perspectiva de responsabilidade¹⁰. Pois, a possibilidade de termos esse imenso poder técnico sobre todas as outras vidas nos coloca num patamar diferenciado, onde não abdicaremos desse poder. Portanto, o mínimo que podemos fazer é sermos responsáveis no uso deste poder. A ética da responsabilidade, proposta por Jonas, por mais que tente, não rompe de fato com o antropocentrismo, entretanto, o autor parece ter razão quando diz que:

“É o excesso de poder que impõe ao homem esse dever; e precisamente contra esse poder – portanto, contra o próprio homem, é imprescindível sua proteção. E assim ocorre que a técnica, essa fria obra pragmática da astúcia humana introduz o homem num papel que apenas a religião por vezes lhe atribuiu: aquele de um administrador e guardião da criação”. (Jonas apud Giacoia: 1999, 413).

Assim, esse rompimento com o antropocentrismo na era da técnica moderna nos exige ironicamente que nos percebamos enquanto sujeitos. Porque não *somos mais*, mas *podemos mais*. De certa forma, esta percepção já é existente quando nos colocamos como *voice of the voiceless* (voz dos que não têm voz), ou quando comparamos animais a bebês ou a deficientes mentais a fim de lhes atribuir direitos, mesmos que os mesmos não clamem por estes.

A reflexão crítica sobre a técnica moderna e a racionalidade ocidental não é mais novidade. Ainda assim, sua relevância não diminuiu, pelo contrário, é cada vez maior. E como dissemos antes, qualquer nova proposição moral que se queira estabelecer, deve entender

¹⁰ JONAS, H. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

também o contexto da modernidade técnica e suas conseqüências. A ligação entre as teorias que fundamentam o movimento moderno de libertação animal e a filosofia são evidentes e louváveis. Mas devemos lembrar que uma abordagem a partir de um viés mais sociológico pode se somar a essa base crítica e trazer contribuições importantes para as reflexões neste âmbito.

2. Conclusões

2.1. Refletir sobre a técnica não significa negá-la ou tê-la como salvação; significa na verdade, entender melhor o paradigma que define nosso tempo.

2.2. Uma proposta ética coerente com nossa realidade deve entender e considerar o contexto estabelecido pela técnica moderna;

2.3. Quanto maior o poder, maior é a responsabilidade. Portanto, na modernidade técnica, a *responsabilidade* é um fator crucial, que mesmo sozinho não sendo suficiente, deve complementar novas proposições éticas.

2.4. A sociologia, dentro de uma perspectiva multidisciplinar, pode contribuir de forma significativa para a análise da questão dos animais.

3. Referências Bibliográficas

ATTERTON, P.; CALARCO M. **Animal Philosophy**. London, New York: 2005.

BRÜSEKE, F. J. **Heidegger como crítico da técnica moderna**. In: A Técnica e os Riscos da Modernidade. Florianópolis: EDUFSC, 2001.

_____. **A Modernidade Técnica**. In: RBCS, v.17 n. 49. Jun. 2002. p.135-144. São Paulo: ANPOCS-EDUSC, 2002.

_____. **Mística, moral social e a ética da resistência**. In: ethic@, v.1, n.2, p. 201-216. Florianópolis, SC, 2002.

_____. **O dispositivo técnico**. In: Revista Tecnologia e Sociedade, n. 2, p. 165-186. Curitiba, 2006.

_____. **Ética e técnica? Dialogando com Marx, Spengler, Junger, Heidegger e Jonas**. In: Ambiente e sociedade, VIII, n.2, p. 37-52: Campinas, 2005.

FELIPE, S. **Valor inerente e vulnerabilidade: critérios éticos não-especistas na perspectiva de Tom Regan**. In: ethic@, v.5, n.3, p. 125-146. Florianópolis, SC, 2002.

_____. **Da considerabilidade moral dos seres vivos: a bioética ambiental de Kenneth e Goodpaster**. In: ethic@, v.5, n.3, p. 105-118. Florianópolis, SC, 2002.

_____. **Dos direitos morais aos direitos constitucionais: Para além do especismo elitista e eletivo**. In: Revista Brasileira de Direito Animal. Salvador: Evolução, 2007.

FOLTZ, B. **Habitar a terra: Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

GALIMBERTI, U. **Psiche e Techne: o homem na idade de técnica**. São Paulo: Paulus, 2006.

GEHLEN, A. **A alma na era da técnica**. Lisboa: LBL Enciclopédia, 1957.

GIACCOIA JUNIOR, O. ***Hans Jonas: por que a técnica moderna é um objeto para a ética.*** *Nat. hum.*, dez. 1999, vol.1, no.2, p.407-420. ISSN 1517-2430.

HEIDEGGER, M. **A Questão da Técnica.** In: *Ensaaios e Conferências.* Petrópolis: Vozes, 2006.

NACONECY, C. M. **Ética & Animais: um guia de argumentação filosófica.** Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

RÜDIGER, F. **Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem.** Porto Alegre: Sulina, 2006.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude às plantas e aos animais, 1500-1800.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.